



Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel

www.inhauser.com.br / marcos@inhauser.com.br

www.pastoralia.com.br

TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR

MAGIA OU RELIGIÃO?

Marcos Roberto Inhauser

Uma definição bastante simples, mas bastante prática e didática, que se tem feito para distinguir a religião da magia é a que define a religião como o ato de se colocar em contato com a divindade para conhecer a vontade de Deus e se submeter, enquanto que na magia a pessoa se coloca em contato com a divindade para dizer a Deus o que quer que ele faça. Em outras palavras, na religiosidade há submissão e obediência, na magia há atos e palavras que visam a obrigar a Deus a fazer o que se quer.

A distinção acima, ainda que bastante superficial (e não poderia ser de outro modo em um espaço como este), é útil para se analisar certos comportamentos tidos como religiosos e que tem dominado a cena em muitas igrejas modernas.

As histórias da religiosidade e da espiritualidade têm mostrado que pessoas que tiveram um comportamento de buscar conhecer a vontade de Deus e a ela se submeteram, seja na prática ascética da vida reclusa, seja no trabalho vocacional do pastorado ou sacerdócio ou no ministério de ajuda ao próximo, são pessoas que marcaram a vida de outras pessoas pela qualidade de suas reflexões, pela profundidade de sua teologia, pelo amor de seus atos, pela dedicação de suas vidas. Aí está o exemplo de um Francisco de Assis, de um Saduh Sundar Sing, de um Wesley, de uma Madre Teresa de Calcutá, e isto para citar só uns poucos exemplos.

Por outro lado, aqueles que, em arroubos de fé, se puseram a determinar as ações de Deus, a predizer milagres, a determinar curas e prosperidade, entraram e saíram da história sem deixar grandes vínculos. Lembro-me da pesquisa que fiz para meu mestrado, quando pesquisei a prática de educação cristã dos pregadores da afirmação positiva, da teologia da prosperidade, dos milagreiros modernos e antigos e qual não foi minha surpresa ao perceber que as referências históricas que deles encontrei foram para mostrar os desmandos cometidos.

A análise das práticas levadas a cabo na grande maioria dos templos de igrejas neonatais, se percebe que a magia é o que predomina. Pregadores e fiéis, aos berros, exigem de Deus a cura, a expulsão dos demônios, o emprego, a prosperidade, a casa, o apartamento, o carro do ano. Para tanto, fazem correntes de oração, novenas, trezenas, quarentenas e noventenas, oram sobre o sal grosso, ungem com galho de arruda, botam a imagem do santo de ponta-cabeça, se entregam a penitências e jejuns, fazem orações de centos de pastores, como se estes atos mágicos fossem eficazes no constrangimento de Deus para fazer o que se deseja. O Deus destes adoradores é um servo deles. Deve-lhes obediência porque são cheios de fé, têm ousadia, e fazem orações “fortes”.

A magia com nome de religiosidade nega a graça de Deus, o agir imotivado, espontâneo, não constrangido por qualquer ato ou circunstância, mas somente pelo amor. E os magos cristãos, por mais que se façam passar por fiéis e fervorosos, negam a Palavra de Deus, o conhecimento de Deus e levam por caminhos errados aos crédulos.